



O jornalista sênior nas empresas de mídia

Zélia Leal Adghirni¹

Resumo: O artigo trata da situação do jornalista sênior, profissional com mais de 50 anos de idade em atividade regular nas empresas de mídia. Chamamos esta categoria de “sênior” segundo expressão do latim, *senex*, que significa ancião, idoso. Neste texto, usamos também a expressão “veterano” para nos referir aos 20 jornalistas de nove empresas espalhadas em quatro estados da Federação que responderam às seis perguntas de nossa pesquisa sem restrições. Nosso objetivo era interrogar, observar e refletir sobre uma faixa etária de jornalistas maduros que ainda trabalham de acordo com as rotinas do jornalismo. Como eles fizeram a travessia do jornalismo tradicional para o jornalismo digital? As respostas são surpreendentes: os “dinossauros” que sobreviveram ocupam os melhores lugares, têm os melhores salários, dominam as tecnologias e afirmam que só vão parar de trabalhar quando morrerem.

Palavras-chave: jornalista sênior, profissão, jornalismo, internet, tecnologias.

1. Introdução

Refletir sobre o lugar e o papel dos jornalistas veteranos na transição de um velho para um novo jornalismo faz parte dos estudos sobre as mudanças estruturais no jornalismo (BRIN; CHARRON; BONVILLE, 2004), tema ao qual temos nos dedicado nos últimos anos. Afinal, o que permanece e o que muda são parte de um mesmo movimento do jornalismo como invenção permanente (ADGHIRNI; RUELLAN, 2010).

Usamos a palavra “sênior” porque, no ambiente corporativo, sênior designa o indivíduo que acumula mais tempo de experiência profissional em contraposição a “júnior”, mais jovem, iniciante.

¹ Jornalista, doutora pela Universidade de Grenoble (França) e professora associada da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora e consultora *ad-hoc* do CNPq e da Capes. Atualmente, estuda e pesquisa sobre sociologia do jornalismo.

Nosso objetivo é verificar como os veteranos reagem às mudanças provocadas pela introdução das tecnologias digitais no processo de produção de notícias, e como permanecem ativos apesar da idade madura dentro das principais empresas de mídia no país. Desde os primeiros estudos – ver produção bibliográfica da autora (ADGHIRNI, 2012; 2008; 2001) –, observamos que os jornalistas incluídos dentro de uma categoria que chamaremos de “sênior” estavam identificados com as rotinas, os valores profissionais e os arcabouços teóricos do jornalismo como campo de conhecimento dentro das organizações jornalísticas. Deixamos de lado assessores de imprensa, de comunicação, jornalistas funcionários de órgãos governamentais e empresas privadas, professores de jornalismo ou consultores em comunicação. Já havíamos observado em pesquisas anteriores (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011) a grande revoada das redações para empresas de assessoria de comunicação e órgãos públicos, diante da crise da mídia impressa, de quando dezenas de jornalistas foram demitidos. As redações encolheram e os salários diminuiriam substancialmente.

Observamos que o conjunto de mudanças no Brasil acentua-se a partir da segunda metade dos anos 1990, com a chegada inadiável das tecnologias digitais na produção e na distribuição da notícia. Os jornalistas já haviam sido submetidos a treinamento nos anos 1980, quando começou o processo de informatização das redações, com a introdução de terminais de computadores individuais. Esse período encontra-se registrado em bom número de trabalhos disponíveis em bibliotecas e on-line. A partir do ano 2000, esse processo foi acelerado e, segundo Alberto Dines, um dos entrevistados para este trabalho, representou um marco epistemológico para o jornalismo. É o início das “rotinas infernais”(ADGHIRNI, 2001). Observa-se uma reconfiguração da identidade e do perfil do jornalista diante do novo cenário de trabalho, conforme registros de pesquisadores contemporâneos (RUELLAN, 2010; PEREIRA, 2009; NEVEU, 2001; JORGE, 2009).

Os primeiros estudos sobre essas transformações demonstraram certa resistência dos jornalistas mais velhos em adaptar-se ao novo sistema. Alguns profissionais não sobreviveram. Preferiram retirar-se de cena. E os que sobreviveram? Como sobrevivem? Observar, interrogar, registrar esse momento, por meio de testemunhos pessoais prestados por jornalistas maduros e de renome, é um de nossos objetivos, já que não

podemos perder de vista que, na história do jornalismo, o jornalista é atravessado, como ser humano e como profissional, por processos muitas vezes traumáticos que ficam impregnados de maneira indelével na memória.

Elaboramos este trabalho a partir de entrevistas semiestruturadas e em profundidade com 20 jornalistas selecionados segundo critério de idade (14 homens e 6 mulheres). Nosso ponto de partida era entrevistar jornalistas com mais de 60 anos, mas uma sondagem inicial demonstrou que estes eram raros. Extra oficialmente, a alta hierarquia das redações nos informou que a política da casa era demitir quem atingisse 60 anos, ou propor uma nova forma de contrato profissional como pessoa jurídica (PJ). Mesmo assim, encontramos 12 jornalistas, dentre 20, com mais de 60 anos de idade, dois com mais de 70 e um com mais de 80. Alguns têm mais de 40 anos de profissão, três na mesma empresa. Ou seja, mais da metade deste miniuniverso está em plena atividade, como editor ou colunista e até mesmo como repórter que vai para a rua em busca de apuração. Constatamos que o jornalista sênior é uma raridade nas redações visitadas. Por exemplo, na *Zero Hora*, do Grupo RBS (Porto Alegre), apenas 10 jornalistas, sobre um total de 211, tem mais de 50 anos. No *Valor* (sucursal de Brasília), são 4 veteranos, em relação a 28 jovens.

Os jornalistas mais idosos que encontramos (3 com mais de 70 anos) ainda exercem tarefas ligadas a apuração, redação e divulgação de notícias. Nenhum deles exerceu as funções de assessor de imprensa. Aliás, apenas 3 jornalistas compreendidos neste recorte já exerceram atividades de assessoria antes ou durante a carreira. Apenas 2 exercem dupla função ou duplo emprego. São remanescentes de uma época em que os jornais não exigiam contrato de exclusividade. Como tinham tempo de casa, foram mantidos. Sabemos que essa prática é comum no interior do país, realidade comprovada pela pesquisa dos professores Mick e Lima (2013) sobre o perfil do jornalista brasileiro. Apenas 5, dentre os 20, têm contrato de pessoa jurídica; os demais são submetidos a contratos CLT.

Todos têm diploma de jornalismo obtido em faculdades públicas ou privadas, com exceção de 4 entrevistados, estes com mais de 60 anos. E todos, com uma exceção, defenderam a obrigatoriedade do diploma para o exercício profissional. Uma jornalista

diplomada nos anos 1970 sugere que a formação em jornalismo seja em nível de pós-graduação.

Demos preferência aos profissionais que atuam em grandes conglomerados de mídia: Rede Globo de Televisão (*Globo News* e *GloboSport*); jornal *O Globo* (sede no Rio de Janeiro); jornal *Valor* (sucursal de Brasília); *O Estado de S. Paulo* (sucursal de Brasília e redação em São Paulo); *Folha de S. Paulo* (redação em São Paulo); *Correio Braziliense* (redação em Brasília); Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS) e Cia. Jornalística Caldas Júnior (ambas em Porto Alegre) e alguns jornalistas que têm blogs hospedados em grande jornais, tais como *O Globo* e *Sul 21*.

Falamos, portanto, do jornalista em atividade nas grandes corporações de mídia, aquele que está na linha de frente da notícia, que elabora a produção de sentidos, por seus valores e suas práticas, que lida diretamente com a sociedade. Tentamos chegar perto da realidade dos grandes mercados da notícia (Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), entrevistando pessoalmente os jornalistas em seus locais de trabalho, na sede das empresas ou nas sucursais de Brasília.

2. Metodologia

A escolha dos profissionais para compor esta pequena amostra de jornalistas seniores deu-se de forma um pouco aleatória. Por ter exercido a profissão de jornalista durante cerca de 20 anos, comecei a pesquisa entrando em contato com antigos colegas de profissão que correspondem à minha geração. A maioria das respostas foi positiva. A partir daí, a lista foi se ampliando graças à multiplicação dos contatos feitos pelo primeiro grupo. Como professora e residente na capital federal, fui bem acolhida nas redações das sucursais, onde jornalistas veteranos se ofereceram espontaneamente como voluntários de pesquisa. Um jornalista concedeu a entrevista em sua própria residência e, neste caso, a entrevista se transformou em agradável conversa que durou mais de três horas. Em geral, o tempo da entrevista transcorria em 30 ou 40 minutos. Três entrevistados responderam as questões por e-mail, após uma conversa por telefone. Os encontros foram realizados entre fevereiro e junho de 2013.

Quanto à metodologia, optamos pela entrevista semiestruturada e em profundidade. Entrevistar jornalistas para colher informações é uma prática recorrente nas pesquisas sobre jornalismo. Marocco (2012) demonstra a riqueza desse método em *O jornalista e a prática*, por meio de entrevistas com 14 profissionais (a maioria na categoria sênior) sobre o saber jornalístico e a transmissão do conhecimento.

Recentemente, durante a realização do primeiro encontro do Colóquio MEJOR (Mudanças Estruturais no Jornalismo)², um grupo de pesquisadores do Brasil, da França, do Canadá e da Bélgica, colocaram em discussão a entrevista de pesquisa com jornalistas. O seminário rendeu um dossiê da revista *Sur le journalisme*. Segundo os autores do artigo que abre aquela edição (BROUSTAU, Nadège et al, 2012), é por meio dos discursos individuais que o jornalismo, como atividade, se constrói, se produz e se reproduz. A palavra do jornalista é, ao mesmo tempo, uma produção coletiva, um traço da história do grupo e a expressão de uma individualidade.

De acordo com Bastin (2012), o desafio da construção do espaço de diálogo entre pesquisador e jornalista passa em primeiro lugar pelo reconhecimento recíproco da legitimidade de cada um em propor um olhar analítico sobre o jornalismo. Sabemos que as interações entre o mundo jornalístico e o mundo universitário são raras e quase sempre marcadas pela dificuldade de compreensão. Os dois mundos se olham de lados opostos. Muitas vezes, os acadêmicos consideram os jornalistas arrogantes e superficiais, enquanto que os jornalistas consideram os acadêmicos excessivamente teóricos e pretensiosos, como se quisessem dar lições de jornalismo aos jornalistas.

Deixar que o jornalista fale de si mesmo, conte sua história, pareceu-nos o meio mais eficaz de analisar o momento de transição nas redações, quando os veteranos passam o bastão aos iniciantes.

Todos os entrevistados concordaram em assumir sua própria identidade profissional, permitindo que seus nomes próprios e as empresas onde trabalham fossem revelados em toda transparência. Nem todos os depoimentos foram reproduzidos na íntegra. Selecionamos aqueles que pareceram mais emblemáticos em relação ao propósito da pesquisa. Mas a lista dos entrevistados aparece de maneira completa no final do texto.

² Evento internacional que reuniu 200 pesquisadores na Universidade de Brasília, em junho de 2011.

Sentimos a necessidade de confrontar o discurso do pesquisador com o discurso dos profissionais de jornalismo, a fim de verificar até que ponto as mudanças estruturais tinham algo a ver com as políticas empresarias de empregos e com o conflito de geração nas redações. Como acontece o contato entre “focas” de 20 anos e “dinossauros” com mais de 50 anos? É visível o conflito de gerações? Os opostos se atraem ou bem se rejeitam mutuamente? O que mais os separa além das tecnologias?

A partir das motivações da pesquisa, elaboramos sete questões como pontos de partida para um diálogo, mais do que uma entrevista fechada. Cada pergunta gerava respostas que iam além da objetividade requerida. A primeira pergunta, por exemplo, levava o jornalista a um mergulho profundo e saudosista no passado, e revelava um certo orgulho ao narrar a própria trajetória, os prêmios obtidos, o reconhecimento do público e das chefias. Ao narrar na primeira pessoa do singular, o jornalista assumia-se como sujeito, como identidade que partilha uma cultura profissional que não corresponde mais à época atual. Este contraste apareceria nas respostas às seguintes perguntas:

- 1) Carreira: formação, trajetória, veículos onde trabalhou, cargos ocupados.
- 2) Principais dificuldades enfrentadas na travessia do jornalismo tradicional para as tecnologias digitais.
- 3) Conceitos de notícia: o que mudou?
- 4) Relações com os jovens jornalistas: como vê os jovens e como é visto por eles?
- 5) Sua faixa de salário está muito acima da média dos principiantes?
- 6) Por que ainda está trabalhando, quando já poderia estar aposentado?
- 7) Se parasse de fazer jornalismo agora, o que faria?

Selecionamos algumas experiências e alguns depoimentos significativos para ilustrar a pesquisa como será apresentado a seguir.

3. Percursos e perspectivas em seis questões

3.1. Carreira: formação, trajetória, veículos onde trabalhou, cargos ocupados

Em relação à primeira pergunta, constatamos que a forma de ingresso na profissão nem sempre foi pela redação, em forma de estágio, considerando que alguns entraram na profissão nos anos 1960 ou 1970. Mesmo que já houvesse a exigência do diploma, as regras eram mais brandas e os jovens entravam por indicação de algum parente ou conhecido.

A maioria, no entanto, começou como estagiário. Todos também exerceram praticamente todas as funções de jornalista: repórter, editor, chefe de redação, diretor de publicação, colunista. E 14 entrevistados, sobre 20, passaram pelas redações das mais importantes mídias do país – *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta Mercantil*, *Veja*, *IstoÉ*, *Zero Hora*, *Correio do Povo* – e outros títulos que desapareceram, tais como *Manchete*, *Senhor e Fatos e Fotos*.

Rosângela Bittar, 65 anos, atual chefe de redação e uma das fundadoras do jornal *Valor*, começou a trabalhar em 1967, como estagiária na sucursal do *Estado de S. Paulo*, em Brasília, a convite de um de seus professores da UnB que era chefe de redação no jornal. Estava no segundo ano da faculdade e, na época, o número de mulheres no jornalismo começou a crescer. Como era uma profissão considerada de baixo salário, homens a abandonavam e davam espaço para as mulheres, explicou a jornalista que permaneceu 22 anos no *Estadão*. Hoje, no entanto, as mulheres são maioria no mercado e têm menos de 30 anos. Elas representam 64% dos jornalistas no mercado, segundo pesquisa coordenada por Mick e Lima (2013) sobre o perfil do jornalista brasileiro hoje, a qual ouviu 2.731 profissionais.

Claudia Saftalle, atual diretora da sucursal do *Valor* em BSB, conta que entrou na UnB em julho de 1974, e em maio de 1975 já estava fazendo estágio na *Gazeta Mercantil*. Tem 37 anos profissão, sempre em economia, seu tema predileto. Registra uma breve passagem em assessoria no Banco Central.

Rogério Mendelski, 70 anos, atualmente trabalha na *Rádio Guaíba* e no *Correio do Povo*, já tendo atuado em jornal impresso, rádio e TV sempre como repórter. Conta que começou aos 17 anos, vendendo anúncios no *Correio da Manhã*, em Porto Alegre. Aos

poucos, foi entrando na reportagem: passou para o jornal *Estado de S. Paulo*, onde permaneceu por 5 anos. Nunca concluiu o curso de jornalismo, iniciado na PUCRS, mas defende a necessidade do diploma para o exercício profissional.

Ribamar Oliveira, 59 anos, repórter especial do *Valor*, tem 38 anos de profissão. Já teve blog e página de internet. Começou no jornalismo como digitador no *Jornal de Brasília*, “para sobreviver”. O jornal acabara de introduzir os computadores na redação, no final dos anos 1980. Sempre caminhou pela mídia impressa, passando pelos principais títulos do país, como repórter ou editor. Foi chefe de sucursal do *Globo* e do *Estado de S. Paulo* em Brasília. Tem passagem como assessor de imprensa no Ministério do Planejamento, época do lançamento do plano real, em 1994.

Ricardo Noblat, 63 anos, colunista do *Globo*, começou no jornalismo em 1967, por “puro nepotismo”, segundo ele, na sucursal do *Jornal do Brasil*, em Recife. O diretor era noivo da prima de Noblat. Foi contratado para a vaga de contínuo (fazer cafezinho e ir observando os jornalistas para aprender o ofício). Ficou como contínuo durante 3 ou 4 meses. Entrou na vaga antes ocupada por Alceu Valença, que era redator e hoje é considerado um dos mais importantes músicos do Brasil. Noblat estudava e trabalhava ao mesmo tempo. Formou-se em jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco, em 1972. Passou pelo *Jornal do Comércio*, pelo *Diário de Pernambuco* e pela sucursal da revista *Manchete*, até se mudar para Brasília, onde queria fazer jornalismo político.

Ancelmo Góis, 65 anos, colunista do *Globo*, entrou no jornalismo pela política, aos 13 anos de idade. O pai era vereador e conseguiu uma vaga para ele na *Gazeta do Sergipe*. Cuidava da limpeza dos clichês, no tempo da linotipo. Cresceu no meio político como militante do Partido Comunista. Foi preso. Ao sair da prisão, foi para Moscou, onde ficou alguns anos. Somente na volta entrou na faculdade de jornalismo. Antes, trabalhou como jornalista aprovisionado (sem diploma, mas com registro profissional).

Clovis Rossi, 70 anos, formou-se em jornalismo pela Cásper Libero, em 1964. Foi o mais jovem repórter do *Estadão*, em São Paulo, onde iniciou a carreira. E nunca mais

parou. Foi repórter, correspondente no exterior e atualmente, depois de ter trabalhado em quase todos dos mais importantes jornais do País, é colunista da *Folha de S.Paulo*. Mas ainda exerce as funções de repórter, principalmente como enviado especial da *Folha* para cobrir eventos internacionais. Aposentado pelo INSS, “há muito tempo”, pois já tem 50 anos de profissão, Rossi apenas mudou de estatuto empregatício. Hoje, ele tem contrato de pessoa jurídica, proposta que não recusou e na qual vê vantagens para continuar trabalhando no jornalismo.

Mauro Zafalon, 63 anos, colunista de economia na *Folha de S.Paulo* há mais de 30 anos, vê com pessimismo o futuro dos jornalistas veteranos nas empresas. Destaca as dificuldades pessoais em acompanhar a velocidade da evolução tecnológica e a tendência das empresas em seguir à risca o jornalismo em rede. Mas como diz gostar da profissão, aposentou-se pelas leis trabalhistas e continua como PJ. Para ele, essa modalidade dá mais liberdade de ação, pois pode trabalhar em casa.

Severino Francisco, 58 anos, repórter e cronista do *Correio Braziliense*, considera-se um jornalista da década de 1940, ou seja, sempre foi um jornalista de pretensões literárias. Diz que, a partir dos 16 anos, tornou-se um leitor compulsivo de escritores clássicos. Achava que o jornalismo era uma profissão para burocratas, mas tudo mudou a partir do momento que entrou em contato com a imprensa alternativa dos anos 1970, particularmente com *O Pasquim*, que teve um grande impacto em sua formação. “Optei pelo jornalismo sob a inspiração deles e porque era um espaço que permitia me expressar de maneira autoral”. Sempre trabalhou em jornais de Brasília, desde 1978. Diz que sua geração foi muito influenciada pela geração da década de 1960, que promovia revoluções por minuto. “Então, a gente achava que o jornal era um ‘aparelho’ para agitar as nossas causas culturais”. Por outro lado, afirma que isso se tornou um foco de tensão, tanto pela nossa pretensão juvenil quanto pelo fato de que o jornalismo passava por uma transição no que diz respeito ao comando das redações: da figura do redator-chefe (a própria designação trai a origem literária do profissional) para o editor-gestor (muito mais empenhado na eficiência e no controle das questões administrativas exigida pelos novos tempos).

Roberto Godoy, 63 anos, 40 anos no *Estado de S. Paulo*, cinco Prêmios Esso (dois individuais e três coletivos), orgulha-se de contar que começou a trabalhar aos 15 anos, em Campinas. De lá para cá, nunca parou. Sua história é permeada de relações afetivas com donos de empresas jornalísticas, entre os quais a família Mesquita, proprietária do *Estado*, de quem fala com emoção, ressaltando qualidades humanas e profissionais.

3.2. Principais dificuldades enfrentadas na travessia do jornalismo tradicional para as tecnologias digitais

A segunda pergunta foi a que mais provocou reações entre os entrevistados. Todos reconheceram dificuldades e uma certa resistência para se adaptar às tecnologias digitais, desde os primeiros cursinhos de treinamento organizados pelas empresas no momento da instalação dos computadores nas redações, descritos por vários autores, como Ribeiro (1994).

Núbia Silveira, jornalista gaúcha que trabalhava no *Diário Catarinense*, o primeiro jornal brasileiro a ser informatizado, conta que havia duas redações: uma para as máquinas de escrever, no térreo, e outra no primeiro andar, para os computadores. Só subiam aqueles que se sentiam seguros em usar o computador. Muitos temiam que a máquina explodisse ao apertar um botão. “Redações ficavam assépticas, silenciosas. Ninguém gritava. Parecia um hospital. Mas as pessoas passaram a se concentrar mais, a escrever melhor, tinham mais cuidado ao escrever. Na tela, era possível fazer correções diretamente, apagar, reescrever. As laudas não permitiam isso, ficavam rabiscadas. As redações tinham mais de cem pessoas e silêncio era total. Chegavam os programas novos e todo mundo já ia assimilando, sem choques. Foi lento e gradual”, diz a jornalista, atualmente editora de um jornal on-line.

Nilson Souza, 65 anos, editor-executivo e editorialista de *Zero Hora*, 42 anos de profissão, diz que acompanhou a transição da era do chumbo para a era digital. “Chumbo com duplo sentido, pois as linotipos produziam tipos de chumbo para a impressão dos jornais

e o governo da ditadura impôs os anos de chumbo para o Brasil, com fortíssimo reflexo na imprensa, especialmente pela censura prévia”, conta. Mas, ficando na questão tecnológica, ele considera mais traumática a passagem da máquina de escrever para o computador, nas redações, do que a adaptação dos jornalistas à instantaneidade do on-line e às redes sociais. “Durante a transição, temíamos que nossas matérias fossem desaparecer da tela (e muitas desapareciam mesmo), e alguns de nós só aceitaram usar o computador se as máquinas fossem mantidas por perto, para alguma emergência”. Na redação de *ZH* há 28 anos, onde acompanhou as mudanças, havia um boletim interno chamado *Jornal da Mudança*, com orientações diárias sobre o uso das novas tecnologias.

Adriano Lafetá, mais de 50 anos de idade, subeditor de opinião do *Correio Braziliense*, sente falta do crepitar das máquinas de escrever nas redações antigas. Acha que computador acabou afastando as pessoas.

Para *Severino Francisco*, do *Correio Braziliense*, as principais dificuldades foram de domínio técnico das novas tecnologias digitais, em razão do ritmo vertiginoso das inovações: computador, celular, livro digital, tablet, internet, acoplamento do rádio e da TV à internet, as novas redes, o Facebook e o Twitter: “Da pena de ganso dos copistas até as linotipos, passando pelos manuscritos, a litografia e a máquina de escrever, decorreu muito tempo. A era digital deflagrou revoluções por minuto que provocam a perplexidade”. Francisco expressa as contradições das tecnologias avançadas: “Meios como a internet permitem checar, em segundos, datas, nomes e outras informações factuais. Em contrapartida, favoreceram certa preguiça mental e superficialidade pela própria facilidade de apertar o botão do Google e ter despejada em sua frente uma avalanche de informações. Paradoxalmente, as novas tecnologias revalorizaram a análise, a reportagem aprofundada e o texto de qualidade, que podem marcar uma diferença em face da velocidade massificadora da internet afirma o jornalista”.

Para *Conceição Freitas*, 55 anos, cronista e repórter do *CB*, “com a internet, ficamos mais levianos, mais fúteis, mais banais. Tudo é notícia”.

Ribamar Oliveira se recorda da primeira “marmita”, como era chamado o laptop que os jornalistas levavam consigo para as coberturas setoriais. Foi no *Globo*, na década de 1980. Ainda existia o sistema de setoristas em Brasília e, pela primeira vez, os repórteres podiam digitar suas matérias e enviar diretamente para o editor na redação. Antes, era necessário voltar ao local de trabalho para escrever. “A nova tecnologia é uma coisa que requer disciplina e você deve estar aberto à mudança. Eu era acostumado a fazer anotação no caderninho”. Agora, ele percebe que é mais fácil fazer anotações pelo computador porque é muito mais prático pra editar, mais funcional: “É um espetáculo em termos de avanço, um recurso fantástico, mas você deve percebê-lo. Não pode rejeitar só porque não consegue se adaptar. Hoje aposentei o caderninho”.

João Domingos, repórter especial do *Estado de S. Paulo* em Brasília, acha que as tecnologias digitais aceleraram o processo de produção industrial. E defende a reciclagem obrigatória dos jornalistas: “Quem não se recicla é atropelado. O que elimina o jornalista do mercado não é a idade, mas a capacidade de adequação”.

Rosângela Bittar fala de uma linguagem nova para se referir às mudanças. Quando estava no *Estadão*, foi criado a Broadcast, agência de notícias de economia em tempo real. Viu o conflito entre o jornalismo impresso e o digital, bem como as confusões que se armaram em torno disso: os jornais montando estruturas diferentes, os jornalistas disputando espaço de poder. Ainda havia semelhança entre o impresso e on-line, por causa da resistência que havia. Ela diz que não resistiu à linguagem nem à mudança dos instrumentos. Resistiu ao que resiste sempre: a questão tecnológica. No caso, a ligação, o computador, o ato de transmitir matéria. “A notícia instantânea é fácil desde que me bote num telefone e não nesses aparelhos novos, que me angustiam. A dificuldade já existia desde os anos 60, quando precisava da ajuda de outro jornalista para ajudar no telex. A dificuldade foi de equipamento. E não de linguagem”, considera. Para ela, linguagem é notícia instantânea. Agilidade. Saber o que é interessante para o mercado. A questão do equipamento é o problema. O desafio é ter que ligar as máquinas. Em sua visão, alguns jornalistas ainda penam na questão da linguagem, principalmente os mais conservadores, que resistem a ouvir uma informação e mandá-la imediatamente. “Ele

quer ouvir a informação inteira, apurar, apurar, apurar e fazer um texto lindo. Aí a concorrência já colocou aquilo piscando na tela e a sua informação já não presta para nada”.

Alberto Dines, 81 anos, 60 de jornalismo, afirma que enfrentou dificuldades, mas nunca teve medo de assumir as novas tecnologias. Comprou o primeiro computador em 1982. Tem e-mail, Twitter e participa das redes sociais, as quais considera “um telefone super eficaz”. Mas faz uma ressalva: a revolução tecnológica não começou agora. É um processo. Fala de mais de 30 anos de evolução tecnológica que acompanhou ao longo da vida, desde o telefone, quando era criança. “Minha mãe me ensinou a falar com a telefonista”, relembra. Fez a travessia de várias tecnologias que precederam a internet: gravador, fotografia, telegrama, teletipo, telex, telefoto, fax, etc. Acredita que o jornalista sempre esteve submetido a novos desafios no exercício de seu trabalho. Mas a chegada da internet seria um salto epistemológico. Diz ainda que o jornalismo impresso é a essência. Internet é subproduto. “É no papel que as ideias são amarradas no mundo. Jornalismo é periódico. Fluxo contínuo não é jornalismo. Notícia não é só evento, é contemporaneidade”, provoca o velho jornalista.

Rogério Mendelski acredita que a evolução tecnológica é um processo contínuo sem rupturas, e não uma revolução. Lembra-se de várias coberturas como enviado especial ao exterior, onde tinha que operar com telex, sem ter recebido formação para isso. Cita a evolução das câmeras fotográficas e a importância do gravador, no passado, “do tamanho de um tijolo”, hoje cada vez menor, na forma de um celular ou na cabeça de uma caneta. Salienta que até a caneta e o bloquinho já representaram ferramentas históricas na luta do jornalismo pela democracia quando, durante o regime militar, os generais viam com maus olhos os jornalistas. “Lá vêm os canetinhas”, diziam eles, temendo a caneta como uma arma, conta Mendelski.

3.3. Conceitos de notícia: o que mudou?

“Sim, o conceito de notícia mudou. A notícia se desumanizou com o distanciamento dos fatos. A tendência é suprimir o contato humano. As escolas não ensinam a buscar fon-

tes. Jovens buscam tudo na internet, não saem às ruas”, defende *Rosamaria Urbanetto*, editora de núcleos especiais da *Globonews*.

“Não mudou o conceito de notícia, mudou a velocidade. Ciclo de vida da notícia é mais efêmero. Mas muda o que é relevante para a sociedade”, diz *Ancelmo Gois*.

Para *Adriano Lafetá*, subeditor de opinião do *Correio Braziliense*, “a qualidade da notícia piorou. A internet poderia agregar muito mais. Existe muito erro de apuração. Por mais que você entre nos portais dos jornais com maior credibilidade, deve-se ter um olhar crítico. Infelizmente, está havendo um processo de retrocesso no jornalismo. O jornal impresso ainda é o meio mais confiável”.

Nilson Sousa acredita que a notícia ainda é o que informa novidades, o que surpreende, o que proporciona aos cidadãos alguma coisa útil para a sua vida. A forma de construí-la é que mudou muito: “Hoje, um profissional de comunicação tem que pensar adiante, não pode se limitar ao fato, pois este se tornou tão acessível que as pessoas podem chegar a ele sem intermediação. Então, a notícia jornalística tem que ter mais detalhes, mais análise, mais apuração, mais informações adicionais que façam sentido para as pessoas. E, evidentemente, obedecer a critérios imutáveis de ética e responsabilidade social”.

3.4. Relações com os jovens jornalistas: como vê os jovens e como é visto por eles?

É no encontro das gerações, entre focas e dinossauros, que os valores se chocam. Uma carga de adjetivos negativos caracteriza o vocabulário dos veteranos ao se referir aos jovens: arrogantes, competitivos, insolentes, despolitizados, prepotentes, carreiristas e outras denominações nada gentis servem para designar a geração de menos de 30 anos que hoje predomina no jornalismo.

Por outro lado, contrastando com a visão negativa, os entrevistados reconhecem que os jovens são mais preparados profissionalmente, dominam as tecnologias, falam vários idiomas, já viajaram pelo mundo e defendem seus direitos trabalhistas. É difícil

saber se a defesa dos direitos trabalhistas é uma qualidade ou um defeito, segundo os veteranos. A realidade das rotinas produtivas, tanto para jovens como para os antigos, é que todos têm jornadas de trabalhos longas de mais de oito horas (MICK; LIMA, 2013) e poucos reclamam. Reclamar é visto como falta de profissionalismo. Mas alguns editores afirmam que os jovens costumam olhar com impaciência para o relógio quando as jornadas se alongam. E costumam cobrar folga do banco de horas quando se sentem lesados em seu tempo livre. Os veteranos, ao contrário, se orgulham de contar que chegam a passar 20 horas numa cobertura, que não têm tempo para almoçar, que fazem apuração fora de hora, à noite e nos finais de semana, se necessário.

Pelas entrevistas, concluímos que o choque de visões não interfere no relacionamento em demonstrações de hostilidade. Alguns jornalistas afirmam conviver bem com os jovens numa relação respeitosa e muitas vezes no papel de conselheiro. “Chegou a mestra” é o que *Liana Sabo*, do *Correio Braziliense*, ouve dos estagiários, quando eles a recebem nas coletivas.

A relação de superioridade dos jovens é sentida quando se trata do uso das tecnologias. Os veteranos sentem-se obsoletos e, muitas vezes, pedem ajuda aos jovens. No caso, a questão costuma ser resolvida pelos técnicos em informática. Mas a falta de familiaridade com os dispositivos móveis leva os antigos a uma situação de insegurança profissional e obriga-os a buscar superação. Três jornalistas disseram ter desistido do bloquinho de notas ao perceber como eram observados pelos jovens que digitavam tudo diretamente em tablets, ipads e smartphones. Sentiam-se profissionais pré-históricos tecnológicos.

Ribamar Oliveira acha que não há conflito entre veteranos e jovens na redação do *Valor*. Os jornalistas experientes do jornal são respeitados, não só pelo pessoal da redação, mas pelos de fora. Para eles, o *Valor* é um referencial. “Mas espero que seja a mesma admiração que eu tinha pelas pessoas mais velhas”, afirma.

A chefe de redação do *Valor*, *Claúdia Safatle*, conta que o serviço de tempo real do jornal, iniciado recentemente, foi preparado durante dois anos. Para isso, foram treina-

dos 28 jovens, que foram selecionados pelo texto escrito à mão, por mais que a plataforma trabalhada seja o on-line. “O bom Português é fundamental”.

Para *Nilson Souza*, a idade (avançada) não ajuda em nada. “Pelo contrário, tanto as chefiadas quanto os jovens desconfiam dos velhos, consideram-nos inaptos para as novas tecnologias e veem a experiência, a cultura e a memória como virtudes menores na comparação com as possibilidades tecnológicas. Ninguém diz isso claramente, óbvio. Mas é fácil de perceber até pela surpresa que demonstram quando um profissional mais veterano demonstra aptidão à tecnologia ou produz conteúdos qualificados”, conclui.

Rejuvenescimento das redações é uma obsessão das empresas, afirma *Rosa Maria Urbaneto*, que está há 16 anos na *Rede Globo*, onde trabalhou no *Jornal da Globo* e no *Bom Dia Brasil*. Atualmente, é editora do programa *Almanaque*. Ela afirma que, de um total de 24 editores, apenas 3 têm mais de 50 anos, num total de 200 jornalistas no canal de notícias da Globo. Sobre os jovens, ela diz: “Não querem ficar uma hora além da conta, como se fossem funcionários. Rejeitam jornadas de trabalho excessivas”.

Ancelmo Gois aposta totalmente na nova geração, acredita nos jovens e rebate o que ele chama de “saudosismo hipócrita”: “O jornalismo de hoje é muito melhor que o do passado”.

José Luiz Chiarelli, 66 anos, 25 anos na *Rede Globo*, atualmente é chefe de reportagem de 90 jornalistas na *GloboSport* (Rio). Exerce também a função de selecionar e treinar estagiários no canal de esportes que recebe 12 mil candidaturas por ano. Na sua opinião, os jovens chegam bem preparados do ponto de vista profissional. Dominam as tecnologias, falam vários idiomas, já viajaram, mas não demonstram espírito de solidariedade de classe. São despolitizados e individualistas, afirma o jornalista, que é filiado ao Sindicato de Jornalistas e que lamenta o fato dos jovens não se sindicalizarem. Em sua concepção, os novos profissionais não se preocupam tanto com a qualidade da notícia. O importante, para eles, é colocar o produto na rua. Chiarelli diz, ainda, que a substituição de jornalistas veteranos por outros mais jovens é uma prática recorrente: “O recém-

formado é maleável e adapta-se mais facilmente às normas político-editoriais, assim como a salários mais baixos na escala profissional”.

Para *Alberto Dines*, “a prática de realização de cursos de treinamento pelas próprias empresas, uma tradição que data dos últimos dez anos, ganha força agora que o diploma foi dispensado. Cada empresa é livre para impregnar suas matrizes ideológicas nos jovens em formação. Mais jovens e inseguros quanto ao emprego, os jornalistas tendem a relativizar os padrões impostos pelos códigos deontológicos e o pensamento crítico, resultado da formação universitária, em nome dos valores do mercado. Estão tentando acabar com o resto do humanismo que havia no jornalismo brasileiro. Hoje, o jornalismo brasileiro é tecnocrático mercadológico. Existe um processo de standardização ideológica”. Ele denuncia a supremacia dos jovens no jornalismo de hoje e atribui à *Folha de S.Paulo* o que chama de “idolatria da juventude”, que joga fora a velha geração.

3.5. Sua faixa de salário está muito acima da média dos iniciantes?

Na questão do conflito de gerações, colocamos a pergunta da diferença salarial. A resposta foi praticamente unânime: o salário dos veteranos é de 3 a 5 vezes superior ao salário de um iniciante. Mas não foram definidos valores. Este é um tema que os jornalistas evitam abordar com clareza. Cada empresa pratica um tipo de salário. E não sabemos qual é a diferença entre o jovem e um veterano nas empresas de mídia.

3.6. Por que ainda está trabalhado, quando já poderia estar aposentado?

3.7. Se parasse de fazer jornalismo agora, o que faria?

Juntamos as perguntas 6 e 7 numa só porque as respostas se completam.

Uma das principais revelações desta pesquisa é o profundo apego que os veteranos têm pela profissão. Quanto mais idoso, menor é a vontade de parar.

“Se eu parar de trabalhar eu morro. O trabalho de jornalista é a felicidade, diz o jornalista *Ancelmo Gois*, que não gosta de tirar férias.

Na verdade, há um dado objetivo que justifica essa paixão: os baixos rendimentos da aposentadoria do jornalista pelo INSS, em torno de 3 mil reais. Logo, a resposta oculta atrás do “morreria se tivesse que parar” tem duplo sentido. Morreria de amor e de fome. Brincadeiras à parte, dos 20 entrevistados, apenas 4 ainda não eram aposentados pelo INSS. Os demais acumulavam a situação de aposentado com ativo, reingressando no mercado ou nunca tendo parado. Uma jornalista com mais de 60 anos disse que continua porque cometeu um erro ao apostar na aposentadoria privada e agora trabalhava por gostar da profissão e por necessidade.

Aposentado desde 1994 como funcionário público, o jornalista *Irlam Rocha Lima*, com mais de 40 anos no *Correio Braziliense*, continua a trabalhar, mesmo que já tenha se aposentado também como jornalista. Portanto, mesmo acumulando duas aposentadorias, não pretende parar. “Vou todo dia feliz para a redação do *Correio*. Isso é que move minha permanência”. Chega a se oferecer como voluntário de plantão, e ainda é capaz de fazer jornadas de 15 horas, quando é preciso cobrir shows (é jornalista de cultura). Ele nunca quis exercer cargo de chefia, apenas reportagem. Acredita que há um acúmulo de coisas que decorrem da função de chefia. Como repórter, ele diz ter virado, ao longo do tempo, fonte de consulta da editoria de cultura.

A resposta mais honesta para esta pergunta deveria ser: “para não morrer logo”, diz *Nilson Sousa*. “Eu poderia dizer que é para não baixar a renda pessoal – e isto seria verdade. Mas talvez não seja o mais importante. O fundamental, não apenas para o jornalista, mas para qualquer profissional, é manter a cabeça ocupada no que sabe e gosta de fazer. Este é o ponto principal. Quem abraça uma profissão que dá gratificação pessoal não quer parar nunca. E quem para, sem encontrar uma alternativa compensadora, abrevia a vida”.

O duplo discurso é uma realidade inerente à maioria dos entrevistados. Trabalham por amor e por necessidade. A continuidade garante salários decentes e o valor da aposentadoria pelo INSS torna-se apenas um detalhe.

Perguntados sobre o que fariam se parassem de trabalhar, muitos responderam: “Eu morreria. Não sei fazer mais nada”. No entanto, cinco jornalistas afirmaram que se dedicariam à literatura ou escreveriam livros.

Severino Francisco diz que queria ser professor (já lecionou durante oito anos numa faculdade particular).

Conceição Freitas diz compraria uma banca de revista. Ela afirma, ainda, que o *Correio* é sua última redação de jornal diário, porque não há outra para seu perfil e que seja coerente com suas escolhas.

Rosângela Bittar não consegue se imaginar sem trabalhar, sem jornalismo das 8h da manhã às 10 da noite. Não sabe o que faria depois de ter de parar: “Na hora que não der pra trabalhar, por limitação, física ou de idade, aí eu não faria nada...”.

4. Conclusões parciais

As respostas obtidas nas entrevistas, somando mais de 30 horas de conversas, quase todas gravadas, permitem a visualização de um quadro de mudanças significativas no modo de ver e fazer jornalismo. As sete perguntas que serviram de fio condutor dessa pesquisa revelam a transição de um mundo jornalístico em agonia ou já morto. Valores e comportamentos de uma geração de jornalistas não sobreviveram às mudanças.

Não há espaço para velhos no novo jornalismo. Isso confirma a pesquisa realizada pela UFSC, em convênio com a FENAJ, coordenada pelos professores Jacques Mick e Samuel Lima, sobre o perfil do jornalista brasileiro hoje. Num universo de 2.731 jornalistas que participaram da enquete (sobre um total de 89.252 jornalistas profissionais em 2010, segundo o Ministério do Trabalho), foram encontrados 522 profissionais com mais de 40 anos. Destes, 85 têm entre 51 e 64 anos.

Não encontramos sinais de uma identidade comum que pudesse criar um *ethos* entre as duas gerações. Uma fronteira invisível e intransponível separa jovens e veteranos.

A profissão se “feminizou” e se tornou mais jovem. A maioria das mulheres hoje em atividade está na faixa dos 30 anos. Talvez por isso encontramos apenas seis jornalistas mulheres, sobre um total de 20. Os salários baixaram. Os valores ideológicos e românticos desapareceram para dar lugar ao profissionalismo pragmático.

Os veteranos citam episódios de militância política ou sindical, a resistência à ditadura e a falta de liberdade de expressão ao contar suas histórias de vida. Muitos ligam jornalismo à literatura, citam escritores e o modelo ideal de Gabriel Garcia Marquez: “a melhor profissão do mundo”.

Sabemos que a cultura identitária do jornalista foi historicamente forjada entre a realidade e o mito: *super-homem* (super poderes para salvar a sociedade dos perigos), *defensor da liberdade e da democracia* (caso Watergate, nos Estados Unidos; caso Collor, no Brasil), *espírito escoteiro* (sempre alerta), *profissional abnegado* (sem horário fixo, jornadas intermináveis), *a serviço do interesse público* (rouba documentos, se necessário, para denunciar os corruptos). No decorrer dessa entrevista, embora não estivessem entre as perguntas, muitos jornalistas recorreram a defesa de valores nobres como a responsabilidade social da imprensa e os princípios éticos da profissão, sem se estender sobre esses conceitos na prática.

Trabalhando diretamente com as transformações do jornalismo, Brin, Charron e Bonville (2004) definem tais revoluções como momentos em que valores e práticas tidas como essenciais à atividade jornalística passam por um processo de crise. Nesse momento, constata-se nível elevado de incongruência entre diferentes categorias de objetivos e de regras pertinentes a um modelo. Ao mesmo tempo, verifica-se uma forte tensão cognitiva de um grupo considerável de jornalistas em torno dos elementos que estão em via de se transformarem. Assim, os processos de mutação envolvem alterações de tal amplitude que as regras do discurso jornalístico e o discurso em si não são reconhecíveis quando comparados ao paradigma anterior.

Em determinados momentos, certos elementos de uma configuração relativamente estável podem sofrer mutações que desencadeiam por si a adaptação generalizada

de outros elementos. Todavia, é preciso aprofundar, no caso brasileiro, a sociologia profissional do jornalismo, tal como foi feito em outros países, particularmente na França, no trabalho de Neveu (2001).

Mas não sejamos pessimistas. A pesquisa também revela o universo de uma elite de jornalistas prestigiados e bem pagos que ocupam altos cargos nas hierarquias das empresas. Compartilham um *status* profissional de prestígio que os jovens ainda não conquistaram. E não sabemos se conquistarão. Sobreviveram porque foram capazes de se adaptar aos novos tempos, adequando-se às novas tecnologias que os surpreenderam num momento em que já eram conhecidos e prestigiados. Já tinham experiência e qualidade profissional consolidadas na passagem por jornais, revistas e canais de TV de maior credibilidade no país. Hoje, são chefes de redação, diretores de sucursais, editoriaisistas, comentaristas ou escritores-jornalistas, formadores de opinião que legitimam sua existência profissional agregados às grandes estruturas de mídia. Trata-se de uma elite que sobreviveu graças a estratégias, talentos, capacidade de adaptação, adesão ideológica à empresa e espírito de invenção permanente.

Funcionam como uma espécie de grife das empresas, como a alta costura (BOURDIEU; DESAUT, 1974), na qual o capital simbólico pode se transformar em capital econômico. As assinaturas dos “grandes jornalistas” conferem prestígio e credibilidade à mídia. O jornalista é disputado em função de sua notoriedade. Funciona tanto para a empresa como para o jornalista. Passam por uma crise de identidade e não se reconhecem no perfil das novas gerações. Talvez sejam uma espécie em extinção, mas que deixarão marcas indeléveis na história do jornalismo.

Uma frase do jornalista *Nilson Souza* resume o momento de transição entre a velha e a nova realidade do jornalismo: “Somos testemunhas e protagonistas do fechamento de um parêntese da era Gutenberg. Estamos dentro do parêntese”.

Referências

ADGHIRNI, Z. L. Mudanças estruturais no jornalismo: travessia de uma zona de turbulência. In: PEREIRA, F. H.; MOURA, D. O.; ADGHIRNI, Z. L. (Orgs.). **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 61-79.

_____. JORGE, T.M; PEREIRA, F.H. Jornalismo na Internet: desafios e perspectivas no trinômio formação/universidade/mercado. In. Carla Rodrigues (org.). **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Porto Alegre:Sulina e PUC-Rio, 2009, p.75-96.

_____. Jornalismo na internet, uma década de mutações. **Humanidades**, Brasília, v. 55, p. 111-119, 2008.

_____. PEREIRA, F.H. O estudo do jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **In Texto** (UFRGS, Online). V.1, p. 12-22, 2011

_____. Jornalismo on-line e identidade profissional do jornalista. **Comunicação e Espaço Público**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 49-67, 2001.

_____.; RUELLAN, D. O jornalismo como invenção permanente: novas práticas, novos atores. **Comunicação: Veredas**, Marília, v. 8, p. 207-222, 2010.

BASTIN, G. Le ‘cas Mathieu’ ou l’entretien renversé. **Sur le journalisme**, v. 1, n. 1, p. 40-51, 2012. Disponível em: <<http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/download/3/1>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

BOURDIEU, P.; DESAUT, Y. Le couturier et ses griffe: contribution a une theoria de la magie. **Actes de Recherche em Sciences Sociales**, Paris, 1974.

BROUSTAU, Nadège et al. L’entretien de recherche avec des journalistes. Propos introductifs. **Sur le journalisme**, v. 1, n. 1, p. 6-12, 2012. Disponível em: <<http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/download/3/1>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

BRIN, C.; CHARRON, J.; BONVILLE, J. (Orgs.). **Nature et transformations du journalism: théories et recherches empiriques**. Quebec: Les Presses Universitaires de Laval, 2004.

MAROCCO, B. A. **O jornalista e a prática**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2013.

NEVEU, E. **Sociologie du journalisme**. Paris: La Découverte, 2001

PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L. O estudo do jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **InTexto**, Porto Alegre, n. 24, v. 1, p. 12-22, 2011.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico**. São Paulo: Olho D’água, Brasiliense, 1994.

Anexo

Agradecimentos especiais aos jornalistas que aceitaram participar dessa pesquisa:

1. Ancelmo Gois, *O Globo*
2. Adriano Lafetá, *Correio Braziliense*
3. Alberto Dines, *Observatório da Imprensa/TV Brasil*
4. Cláudia Safattle, *Valor*
5. Clóvis Rossi, *Folha de S.Paulo*
6. Conceição Freitas, *Correio Braziliense*
7. Irlam Rocha Lima, *Correio Braziliense*
8. João Domingos, *O Estado de S. Paulo* (BSB)
9. José Luiz Chiarelli, *GloboSport*
10. Liana Sabo, *Correio Braziliense*
11. Mauro Zafalon, *Folha de S.Paulo*
12. Nilson Souza, *Zero Hora/RBS*
13. Núbia Silveira, *Sul 21 (on-line)*
14. Roberto Godoy, *O Estado de S. Paulo*
15. Rosângela Bittar, *Valor*
16. Rosamaria Urbanetto, *Globonews*
17. Rogério Mendelski, *Rádio Guaíba/Correio do Povo*
18. Ricardo Noblat, *O Globo*
19. Ribamar Oliveira, *Valor*
20. Severino Francisco, *Correio Braziliense*